

COOPERAÇÃO SUL-SUL COMO EXERCÍCIO DA LIBERDADE: ENTRE DESEJO E REALIDADE

Timothy D. Ireland*

RESUMO

O artigo aborda a atualidade do pensamento de Paulo Freire sobre a alfabetização e educação de jovens e adultos para o Brasil e a África, destacando dois momentos dessa relação entre as duas regiões: o engajamento de Freire na África na década de 1970 – período de descolonização em que países como Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe lutavam pela sua independência do poder colonial de Portugal, e posteriormente, a década que abriu o século XXI em que o Brasil incentiva a criação de uma rede de cooperação sul-sul no domínio específico da alfabetização e educação de jovens e adultos. Pretende-se examinar esses dois momentos por meio da lente da cooperação sul-sul – nas suas diferentes expressões ao longo desse período que abre com o fim da segunda guerra mundial e que se estende até o presente.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Alfabetização. Cooperação Sul-Sul.

1 INTRODUÇÃO

O vídeo, “Intelectuais da Vida”¹, aborda a atualidade do pensamento de Paulo Freire sobre a alfabetização e educação de jovens e adultos para o Brasil e a África, destacando dois momentos dessa relação entre as duas regiões: o engajamento de Freire na África na década de 1970 – período de descolonização em que países como Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe lutavam pela sua independência do poder colonial de Portugal – e, posteriormente, a década que abriu o século XXI em que o Brasil incentiva a criação de uma rede de cooperação sul-sul no domínio específico da alfabetização e educação de jovens e adultos, e mais tarde, por demanda dessa própria rede, o desenvolvimento de um curso de educação de jovens e adultos a distância para educadores e gestores de EJA em Cabo Verde e Guiné Bissau.

Nesse artigo pretendemos examinar esses dois momentos por meio da lente da cooperação sul-sul – nas suas diferentes expressões ao longo desse período que abre com o fim da segunda guerra mundial e que se estende até o presente. No primeiro momento, destaca-se a ação direta de Freire e a equipe do Instituto de Ação Cultural – IDAC, na África ao convite das lideranças do movimento emancipatório. No segundo momento, destaca-se o desenvolvimento da rede de cooperação sul-sul, criada em 2006 durante o primeiro governo do presidente Lula, como estratégia de cooperação

* Cátedra UNESCO de Educação de Jovens e Adultos. Universidade Federal da Paraíba.

¹ Dirigido e produzido para José Ramos Barbosa da Silva e Mercicleide Ramos.

multilateral com os países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), no campo específico da alfabetização e educação de jovens e adultos.

Assim, o nosso texto será estruturado em torno de quatro eixos. Primeiro, uma discussão sobre o conceito e prática de cooperação sul-sul como estratégia de cooperação entre os ditos países do Sul Global – países emergentes ou em desenvolvimento. Seguindo Moraes (2009, 2010) identificamos três fases distintas no desenvolvimento dessa estratégia. Segundo, associamos o engajamento de Freire na África com a primeira dessas três fases da cooperação sul-sul. Trataremos de caracterizar esse engajamento na década de 70. A seguir, relacionamos a criação da rede de cooperação sul-sul com a terceira e mais recente fase dessa estratégia e exemplificamos com o caso do curso de especialização a distância em EJA. O curso que serviu de inspiração para a feitura do documentário “Intelectuais da Vida” se enquadra e surge de uma demanda específica da rede para a oferta de cursos de formação. Não pretendemos analisar as especificidades (negativas e positivas) do curso que devem ser tratadas em outros artigos nesse dossiê. Por fim, no quarto eixo tentaremos avaliar, com base nessas experiências, a cooperação sul-sul como estratégia de desenvolvimento democrático – em que medida a cooperação sul-sul como estratégia emancipatória se enquadra mais como utopia ou como realidade.

2 COOPERAÇÃO SUL-SUL COM ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO

A cooperação internacional é uma estratégia bastante antiga e ampla. Cobre os processos de cooperação e intercâmbio entre países sejam eles do global norte ou do global sul, podendo ser bilateral ou multilateral e de qualquer natureza – econômico, acadêmico, educacional, social, técnico etc. O conceito de cooperação sul-sul (CSS) é muito mais específico e restrito. Na literatura, a UNESCO (2006a) define a CSS como um processo em que dois ou mais países em desenvolvimento buscam o seu desenvolvimento individual ou coletivo por meio de intercâmbios cooperativos de conhecimento, habilidades, recursos e saber técnico. Considera que por ter questões socioeconômicas e políticas em comum, os países do Sul têm muito que compartilhar. De acordo com a *Nota da UNESCO sobre CSS* (2006b), essa cooperação é:

[...] construída sob os princípios da fraternidade, igualdade e solidariedade. Constitui um processo multidimensional que pode ser bilateral ou multilateral em abrangência e sub-regional, regional ou inter-regional em carácter.

De acordo com Morais (2009) CSS deve ser entendida como “qualquer iniciativa entre dois ou mais países em desenvolvimento; pode ser desenvolvido por instituições governamentais ou não governamentais, universidades, profissionais independentes, acadêmicos ou pesquisadores”. Constitui, ao mesmo tempo, um mecanismo de solidariedade entre países em desenvolvimento para alcançar objetivos comuns. Como veremos no século XXI em que se estabeleceu uma séria de agendas internacionais como os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, a iniciativa de Educação para Todos, as Décadas de Alfabetização e de Educação para o Desenvolvimento Sustentável esses objetivos comuns se tornarem elementos agregadores e aglutinadores para a cooperação.

Não cabe dúvida de que a CSS foi fortemente marcada pelo contexto em que nasceu e continua respondendo aos desafios contemporâneos que enfrenta em termos sociais, econômicos, técnicos e políticos. Para facilitar a nossa compreensão de um processo que já cobre mais de setenta anos, dividimos o período em três fases. A primeira se refere aos anos entre 1949 (marcada pelo discurso inaugural de Harry Truman ao assumir a presidência dos EUA sobre as regiões subdesenvolvidas do mundo²) e 1979, coincidindo com o período conhecido como a Guerra Fria. A segunda, marcada por uma forte desmobilização motivada pela crise da dívida e pelos ajustes estruturais que dominaram as agendas da maioria dos países em desenvolvimento, cobre o período de 1980 a 1998. E, por fim, a terceira fase atual que começa em 1999 com a criação pelo Banco Mundial da Rede de Desenvolvimento Global (em inglês, *Global Development Network – GDN*³) e ainda permanece em vigor.

3 FREIRE NA ÁFRICA: UMA EXPERIÊNCIA DE COOPERAÇÃO SUL-SUL?

Como comentado acima, a primeira fase da cooperação sul-sul coincide com a Guerra Fria, mas também tem as suas origens nos movimentos anticoloniais e de liberação que se seguiram a Segunda Guerra Mundial. Embora alimentado inicialmente por poderosas motivações políticas, a cooperação sul-sul foi conceituada como uma

² No seu discurso, ferrenhamente anticomunista, no dia 20 de janeiro de 1949, o presidente Truman estabeleceu um plano composto de quatro pontos. O quarto se referia a um novo programa para beneficiar e contribuir para a melhoria e o crescimento das áreas subdesenvolvidas do mundo. Nas suas palavras “O velho imperialismo – exploração visando o lucro estrangeiro – não tem espaço nos nossos planos. O que concebemos é um programa de desenvolvimento baseado nos conceitos de tratamento justo (*‘fair-dealing’*) democrático”.

³ A GDN, criada em 1999, é uma organização pública internacional que busca fortalecer a capacidade de pesquisa em desenvolvimento globalmente <http://www.gdn.int/html/>

ferramenta para fortalecer os países em desenvolvimento na sua busca por independência política e econômica. Assim, podemos apontar três fatores que se tornaram fundamentais para a consolidação da CSS como estratégia de desenvolvimento: a intensificação dos movimentos de independência/descolonização, a Guerra Fria que polarizou o mundo, e a emergência do mundo em desenvolvimento (vis-à-vis o discurso de Truman em 1949) como uma entidade derivada da noção de “subdesenvolvimento”. Em termos de cooperação econômica, foi fundamentada na compreensão de que o aumento de comércio entre países em desenvolvimento diminuiria a sua dependência sobre os países desenvolvidos, fortalecendo assim o espírito de autonomia coletiva. Em conjunto os países em desenvolvimento aspiravam estabelecer uma nova ordem econômica internacional baseada em novas relações entre norte e sul e entre países desenvolvidos e em desenvolvimento.

É nesse contexto que se dá a intervenção de Freire e a equipe do IDAC, a convite das lideranças dos movimentos libertários nos países africanos de língua oficial português de Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe e Angola. Embora superficialmente compreendida como uma forma de cooperação técnica frente às alarmantes taxas de analfabetismo nesses países africanos, o próprio entendimento de Freire da dimensão política do ato de educar revelado em todos os seus escritos e sua análise do papel da educação no processo revolucionário especialmente, no caso africano, contido no pensamento de Amílcar Cabral a quem ele chamou de Pedagogo da Revolução (FREIRE, 1985), sugere a natureza profundamente política do seu trabalho. Freire fala que “Amílcar me parece que na verdade, foi um pedagogo da revolução, quer dizer, ele teve, ele encarnou perfeitamente o sonho de libertação de seu povo e os procedimentos políticos pedagógicos, para a realização desse sonho” (1985, p. 5). Relatos dessas experiências podem ser encontrados em várias publicações de Freire e sobre Freire, como *Cartas a Guiné Bissau*, *A África Ensinando a Gente*, *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Porém, parece-me que esse diálogo entre o pensamento de Freire e Cabral e, talvez possamos acrescentar outra figura de enorme influência no campo da educação e da política na África, Julius Nyerere⁴ (presidente da Tanzânia de 1962 a 1985), que Freire conheceu e respeitava ainda está para ser explorado e aprofundado. A esses três seria possível acrescentar outros pensadores descolonistas africanos ou de ascendência africana como Franz Fanon e Albert Memmi que tiveram

⁴ Nyerere teria dito que ele era um "professor por opção e um político por acidente".

influência no pensamento de Freire sem ignorar Gramsci e Guevara: assunto sem dúvida para uma nova agenda de pesquisa e teses.

Ao caracterizar a intervenção de Freire como um exemplo de cooperação sul-sul destacamos quatro aspectos desse processo que são de alguma forma traços da CSS nessa primeira fase e na sua terceira fase atual. Em primeiro lugar, a decisão de investir na alfabetização de adultos foi concebida como uma contribuição para o fortalecimento da autonomia e da independência dos países africanos frente ao poder imperial de Portugal. Como é transparente no pensamento de Cabral, sem a busca da liberação que constitui parte integral da educação, a luta armada perde a sua orientação. A luta armada é necessária para liberar os países da opressão do poder colonial, mas sem pessoas capazes de planejar o futuro do país e sem uma identidade nacional a luta não prosperará.

Segundo, a primeira fase de CSS pode ser caracterizada pelas suas preocupações políticas e econômicas, embora desde cedo Cuba tenha enviado médicos e professores especialmente para os países do bloco socialista como Angola e Moçambique além dos mais convencionais recursos e tropas militares. A cooperação em que Freire e o IDAC se engajaram pode ser mais bem definida com ‘técnica’ ou no sentido da terceira frase, como um exemplo da transferência de ‘boas práticas’ (*best practices*). Nesse sentido a intervenção de Freire na África pode ser visto como um precursor das cooperações mais técnicas da terceira fase da CSS do século XXI, em que a transferência de boas práticas tem se destacado. O curso ofertado pela UFPB é um excelente exemplo dessa expressão de cooperação sul-sul.

Um terceiro aspecto do processo de CSS que apontamos diz respeito a um dos fundamentos desse tipo de cooperação: por serem países em vias de desenvolvimento os países do sul global tem em comum um nível semelhante de desenvolvimento com problemas e desafios bastante parecidos. Na realidade isso não foi sempre o caso e contribuiu para criar uma falsa ideia de homogeneidade dos países do sul somente por ser do sul. Tornou-se imprescindível reconhecer a imensa diversidade que existia e ainda existe dentro e entre essas nações.

Por último, essas mesmas semelhanças quando não bem explicitadas e aprofundadas podem produzir uma impressão de proximidade que pode ser mais imaginária que real. No caso do Brasil e dos chamados países do CPLP, é comum citar traços fundamentais como a cultura, a experiência de colonialismo, a escravidão, a gastronomia e, principalmente, a língua. De um lado, os mesmos traços foram

vivenciados de forma bastante diferente – a relação com o poder colonial e a escravidão, por exemplo. De outro, o traço que talvez tenha causado mais polêmica e menos consenso é a questão de língua. Embora os países do CPLP sejam formalmente reconhecidos como ‘países africanos de língua portuguesa’ a realidade é que a língua portuguesa é falada por uma minoria em países em que o crioulo e muitas outras línguas africanas predominam. A polêmica em torno da decisão de adotar a língua portuguesa na campanha de alfabetização de Guiné Bissau sob a orientação de Freire e sua equipe é bem documentada. A título de exemplo, Angola atualmente alfabetiza em 16 línguas enquanto que em Guiné Bissau se alfabetiza em quatro línguas principais sendo o crioulo a língua mais utilizada para comunicação⁵.

4 CONFIGURAÇÃO DA COOPERAÇÃO SUL-SUL NO SÉCULO XXI

A cooperação internacional na sua dimensão global renasce na década de 1990 após, de um lado, mais de 40 anos de guerra fria marcada por separação e antagonismo entre Este e Oeste (MORAIS, 2010) e, de outro, pela desmobilização causada pelo impacto da crise da dívida e pelos infames ajustes estruturais receitados pelo FMI. No cenário internacional de cooperação a década de 1990 foi batizada como a década de conferências organizadas principalmente pela ONU. Começando com a Cúpula Mundial para a Infância (Nova Iorque, 1990) e a Conferência Mundial sobre Educação para Todos (Jomtien, 1990) foram doze conferências⁶, em que os governos partícipes se

⁵ Relatório da Reunião Técnica Internacional sobre Cooperação Sul-Sul entre os países de língua portuguesa no campo da Educação de Jovens e Adultos, realizada em João Pessoa em dezembro de 2011.

⁶1990 – Cúpula Mundial para a Infância (Nova Iorque)

1992 – Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio de Janeiro)

1993 – Conferência Mundial sobre Direitos Humanos (Viena)

1994 – Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (Cairo)

1994 – Conferência Global da ONU sobre o Desenvolvimento Sustentável de Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento (Bridgetown, Barbados)

1994 – Conferência Internacional sobre a Redução de Desastres Naturais

1995 – Cúpula Mundial de Desenvolvimento Social (Copenhague)

1995 – 4ª Conferência Mundial de Mulheres (Beijing)

1995 – 9º Congresso da ONU sobre a Prevenção de Crime e o Tratamento de Infratores

1996 – 2ª Conferência da ONU sobre Assentamentos Humanos (Habitat II) (Istambul, Turquia)

comprometeram a endereçar com urgência alguns dos problemas mais prementes que o mundo enfrentava como parte de uma nova agenda para o desenvolvimento global. Tais problemas se referiam ao bem estar de crianças, à proteção do meio ambiente, direitos humanos, empoderamento de mulheres, emprego produtivo, saúde reprodutiva e desenvolvimento urbano todos ligados aos temas de paz, desenvolvimento e segurança humana. Cada conferência chegou a acordos sobre questões específicas num novo espírito de cooperação e propósito globais (IRELAND, 2009).

A retomada de interesse em CSS como estratégia de cooperação internacional, nessa sua terceira fase, surgiu por vários motivos. De um lado, o antigo atributo de representar um instrumento para o fortalecimento político do Sul manteve o seu apelo e força. De outro, como mecanismo de cooperação, a CSS foi valorizado tanto pelos países em desenvolvimento quanto pelas agências internacionais. O próprio conceito de cooperação sul-sul ganhou nova abrangência com esse interesse das agências internacionais, para incluir a noção de transferência de “boas práticas” (*best practices*)⁷. Integrarem-se à estratégia novos atores e novas práticas. No passado, a CSS foi dominada por ações voltadas para os campos do comércio e do desenvolvimento industrial. Na nova fase, como consequência do engajamento das agências internacionais, a cooperação expandiu para setores como educação, saúde e proteção social.

Três motivos adicionais contribuíram ao renovado interesse em CSS. Primeiro, a cooperação sul-sul pode ser vista como uma reação ao domínio do Norte na oferta e desenvolvimento de um tipo de cooperação altamente prescritiva que tomava como base as experiências do Norte e as teorias de desenvolvimento elaboradas pelos países industrializados. A cooperação envolvia essencialmente a oferta pelo Norte de ‘ajuda’ para o Sul. Em segundo lugar, a eleição de vários presidentes progressistas em países do sul e, especialmente, na América Latina, estimulou a inclusão da solidariedade sul-sul com importante elemento da agenda da política externa. Como veremos, a criação da rede de cooperação sul-sul no campo da educação de jovens e adultos pode ser vista como um filhote desse processo no Brasil sob a presidência de Lula da Silva. A criação

1996 – Cúpula Mundial de Alimentos (Roma, Itália)

1996 – 9ª Conferência da ONU sobre Comércio e Desenvolvimento (IX UNCTAD)

⁷ No caso do Brasil, alguns exemplos de “boas práticas” incluem o programa Bolsa Escola, que recebeu forte apoio do Banco Mundial, do Banco Interamericano de Desenvolvimento, da UNESCO e do PNUD; o programa nacional contra HIV/AIDS recebeu elogios do OMS, da UNESCO e do Banco Mundial, e o trabalho do Alfasol em prol da alfabetização também foi reconhecido e premiado pela UNESCO (MORAIS, 2005).

das Universidades Federais da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e da Integração Latino-Americana (UNILA) são outros exemplos desse esforço. E, em terceiro lugar, a mobilização internacional centrada nas iniciativas globais focadas na educação e no desenvolvimento propiciou mais um incentivo aos países do sul cooperar de uma forma mais estratégica. Logo após a Conferência Mundial de Educação para Todos (Jomtien, Tailândia, 1990), o Grupo E-9, composto pelos nove países mais populosos do planeta (Bangladesh, Brasil, China, Egito, Indonésia, México, Nigéria e Paquistão) foi lançada, em 1993, na Índia com a meta de incentivar a oferta de educação básica, entendido como direito humano fundamental, para todos os seus cidadãos. O Grupo vem trabalhando, com o apoio da UNESCO, para alcançar as metas da iniciativa Educação para Todos por meio de estratégias de cooperação sul-sul⁸. Outras organizações como a Associação para o Desenvolvimento da Educação na África (ADEA), o Projeto Regional de Educação para América Latina e o Caribe (PRELAC) e o Comitê Regional de Educação na Ásia e no Pacífico (EDCOM) também podem ser consideradas como expressões de cooperação sul-sul. Em nível global, o lançamento do compromisso conjunto para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODMs) em 2000 criou um novo sentido de urgência em relação aos problemas enfrentados pelo Sul. Com o compromisso de superar a pobreza globalmente, tornou-se evidente que os oito ODMs só seriam atingidos com base em estratégias de cooperação tanto norte-sul como sul-sul.

Dentro desse movimento em torno da construção de uma prática de cooperação internacional entre os países do Sul – América Latina, África e Ásia – e particularmente entre os países pertencentes à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), se constituiu a Rede de Cooperação Sul-Sul entre os Países de Língua Oficial Portuguesa. Essa Rede se fundamentava, nas suas próprias palavras, em “uma estratégia de cooperação que visa substituir modelos verticais, impositivos ou paternalistas, por processos horizontais e instrumentos de intercâmbio, apoio e cooperação que concretizam os princípios de soberania, solidariedade e respeito à diversidade” (UNESCO, 2009, p.7). A criação da rede ocorreu em 2006, no contexto da I Oficina de Cooperação Sul-Sul entre os Países de Língua Oficial Portuguesa sobre Educação de

⁸ De acordo com a *Nota sobre Cooperação Sul-Sul* da UNESCO, “a iniciativa E-9 possui um potencial notável para desenvolver ainda mais as articulações Sul-Sul, não somente entre países do E-9, mas também com outros países em desenvolvimento, e a UNESCO deveria propiciar um guarda-chuva sob o qual a colaboração Sul-Sul possa prosperar” (UNESCO, 2006b, p. 3).

Jovens e Adultos promovida conjuntamente pelo governo brasileiro e a UNESCO, em Brasília, que teve como propósito identificar as problemáticas recorrentes no campo da Educação de Jovens e Adultos e definir um plano estratégico de cooperação, elegendo prioridades e propostas de ação. Na ocasião uma coordenação colegiada foi eleita composta pelo Brasil e Cabo Verde. Na visão da própria rede de cooperação sul-sul “A cooperação entre países e o estreitamento da parceria com organismos internacionais tem se revelado uma importante estratégia para a constituição de fóruns técnicos de promoção de diálogo, construção conjunta de conhecimento e intercâmbio entre experiências, em uma tentativa de produzir sinergia em torno da busca de soluções para questões que ocupam as pautas dos governos de todo o mundo” (UNESCO, 2009, p. 7). Participaram dessa primeira oficina representantes de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. Ao longo dos próximos sete anos, a rede realizou mais quatro oficinas – a segunda em Salvador (Brasil) em 2008, a terceira na cidade de Praia (Cabo Verde) em 2009, a quarta em Maputo (Moçambique) em 2010 e a quinta em Luanda (Angola) em 2012, além de outras reuniões técnicas (João Pessoa em 2011, e Redenção/CE em 2013).

É nesse contexto que durante a sexta Conferência Internacional de Educação de Aduos - VI CONFINTEA, em Belém do Pará em 2009 nasceu a demanda por cursos de formação em educação de jovens e adultos para educadores e gestores governamentais e da sociedade civil. Dirigentes e gestores educacionais dos países africanos solicitaram à SECAD/MEC cursos de formação em educação de jovens e adultos considerando os altos índices de analfabetismo registrados naqueles países e a precariedade da formação desses profissionais para atender as demandas ali existentes. A UFPB foi solicitada a contemplar essa proposta e com a aprovação de um projeto de curso submetido ao Edital 28 da SECAD nasceu o Projeto de Curso de Aperfeiçoamento em Educação de Jovens e Adultos na Modalidade de Educação Aberta e a Distância (EAD) com polos inicialmente projetados para Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Brasil. Por motivos técnicos não foi possível atender São Tomé e Príncipe nessa primeira oferta do curso.

5 COOPERAÇÃO SUL-SUL COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO DEMOCRÁTICO

Os ganhos potenciais da cooperação sul-sul como estratégia de desenvolvimento democrático para os países do Sul são múltiplas, e as ciladas também. Do lado positivo,

a CSS tem sido apontada como uma estratégia coletiva fundamentada na ideia de que os países cooperantes apresentam realidades parecidas e tendem a desenvolver relações mais horizontais. Além disso, existe a suposição de que a CSS tende a ser neutra e livre de motivos imperialistas. Nesse sentido possui um apelo por ser politicamente correto. De acordo com Kofi Annan (*apud* UN, 2006)

Frente aos perigos e à promessa da globalização, a CSS permite países em desenvolvimento compartilhar as suas experiências e êxitos com outros. [...] Propicia uma plataforma para cooperar em torno de questões de interesse dos países em desenvolvimento, desde a luta para eliminar a pobreza extrema até a de impedir a disseminação da HIV/AIDS.

Um dos argumentos mais comuns em prol da CSS é que fortalece os países mais pobres, que são predominantemente do Sul, contra os que são mais fortes e ricos predominantemente do Norte. Dessa forma a CSS representa a possibilidade de fortalecer a solidariedade internacional contra a desigualdade e a injustiça social.

Não obstante, para alguns analistas os ganhos potenciais precisam ser relativizados. De acordo com ul Haq (1980) “a fragilidade da maioria das propostas de CSS tem sido porque tendem a construir grandes desenhos de um Sul mítico agregado”. Acrescentamos a isso que, embora o conceito de sul-sul possa implicar certa homogeneidade, a realidade exige que reconheçamos a diversidade e as disparidades de poder que existem no Sul. Em geral, como Moraes (2012) observa, as relações bilaterais entre dois países em desenvolvimento não são horizontais pelo simples fato de que questões de poder sempre se impõem na relação entre quaisquer dois países. Além disso, como Moraes alerta, as relações verticais tendem a ser mais acentuadas se a CSS incluir a transferência de um modelo de política de um país para outro.

No caso da Rede de Cooperação Sul-sul, existiam, de acordo com Varela (2013), três objetivos fundamentais:

1. Reafirmar a **educação como direito de todos**, nos diferentes níveis e modalidades e em qualquer momento da vida e, assim, compreender a educação de jovens e adultos como política pública;
2. Incluir **EJA entre as prioridades de desenvolvimento** da cooperação Sul-Sul, no âmbito dos países de língua portuguesa;
3. **Ampliar e fomentar comunidades de aprendizagem** e de alargamento cultural do grupo de nações que une 230 milhões de pessoas, cujo idioma oficial é o português.

Esses se basearam em três princípios centrais da cooperação sul-sul:

1. Superação da visão tradicional de cooperação, baseada em políticas de assistência, que reproduzem mecanismos e práticas desiguais e assimétricas;
2. Promoção da troca de experiências de modo horizontal, formando uma rede de cooperação que construa identidades e proximidades, reconhecendo e contemplando a diversidade linguística e cultural;
3. Consolidação de um modelo de triangulação da cooperação, a partir de necessidades, interesses, demandas e desejos dos países envolvidos, buscando soluções conjuntas para problemas compartilhados.

Do lado positivo, podemos apontar uma série de conquistas como a realização de um conjunto de oficinas, a participação em vários eventos internacionais, o fortalecimento das parcerias, a implementação do curso de aperfeiçoamento em educação de jovens e adultos, e um processo imensurável de aprendizagem por todos os países envolvidos. Porém, não há como negar as dificuldades que incluem o fundamento mítico da língua comum que supostamente facilitava a comunicação entre as partes e as relações de poder implícito em um processo de cooperação envolvendo um país de tamanho continental como o Brasil e micro países como Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Timor Leste, de um lado, e, de outro, as mesmas relações entre o antigo poder colonial Portugal e seus antigos territórios coloniais. Talvez fosse possível dizer que a vontade de ser democrático supera a prática do exercício da democracia. Não é por acaso que o Freire se tornou uma referência básica para a cooperação junto com o sonho de que outro mundo é possível.

SOUTH-SOUTH COOPERATION AS AN EXERCISE IN LIBERTY: BETWEEN DESIRE AND REALITY

ABSTRACT

This article discusses the actuality of the thought of Paulo Freire on Literacy and Youth and Adult Education in Brazil and Africa, highlighting two moments of the relationship between the two regions: Freire's involvement in Africa in the 1970s – a period of decolonization in which countries like Cabo Verde, Guinea Bissau and São Tome and Príncipe fought for independence from the colonial yoke of Portugal, and later, the decade which opened the 21st century in which Brazil encouraged the creation of a network of south-south cooperation in the specific domain of literacy and youth and adult education. We intend to examine these two moments through the lens of south-south cooperation – in its different guises throughout this period, which begins with the end of the Second World War and extends to the present day.

Keywords: Youth and Adult Education. Literacy. South-South cooperation.

REFERÊNCIAS

THE AMERICAN Presidency Project. Disponível em:

<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=13282>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

FREIRE, P. **Amílcar Cabral**: o pedagogo da revolução. Brasília, D.F.: UnB, 1985.

RELATÓRIO da Reunião Técnica Internacional sobre Cooperação Sul-Sul entre os países de língua portuguesa no campo da Educação de Jovens e Adultos. João Pessoa: UFPB, 2011.

SÁ E SILVA, M. M. de. South-South Cooperation: past and present conceptualization and practice. In: Lisa Chisholm e Gita Steiner-Khams (Eds.). **South-South Cooperation in Education and Development**. Nova York: Teachers College, 2009.

_____. How Did We Get Here? The Pathways of South-South Cooperation. In: UNDP, **Poverty in Focus**, Number 20 - **South- South Cooperation: The Same Old Game or a New Paradigm?** International Policy Centre for Inclusive Growth Poverty Practice, Bureau for Development Policy, 2010.

UL HAQ, M. Beyond the slogan of South-South co-operation. **World Development**, v. 8, n. 10, Oct. 1980.

UNESCO. **Education for All global action plan**: Improving support to countries in achieving the EFA goals. Paris: UNESCO, 2006a. Disponível em: <http://www.unesco.org/education/efa/WG2006/Globalactionplan.pdf>> Acesso em: set. 2014.

UNESCO. **Note on South-South Cooperation**. ED/EFA/2006/ME/7, Jun. 2006b. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001462/146252e.pdf>> Acesso em: set. 2014.

UNESCO/MEC. **Segunda Oficina de Cooperação Sul-sul entre Países de Língua Oficial Portuguesa sobre Educação de Jovens e Adultos**, Salvador/BA, 26 a 29 de fevereiro de 2008: relatório final. Brasília, D.F.: UNESCO/MEC, 2009.

VARELA, F. M. **Educação e Cooperação Sul – Sul para Desenvolvimento: realidade, desafios e possibilidades no contexto da CPLP**. In: REUNIÃO TÉCNICA INTERNACIONAL DO CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E COOPERAÇÃO SUL-SUL, 3, 2013, Fortaleza. Apresentação em Powerpoint.